

Título: A polêmica entre Leopoldo Zea e os representantes da *Intellectual History* estadunidense em torno da história das ideias latino-americana.

Autores:

Orientanda bolsista PIBIC: Tila de Almeida Mendonça

(tila.mendonca@gmail.com)

Orientador: Prof. Dr. Eugênio Rezende de Carvalho

(eugenio.carvalho@pq.cnpq.br)

Unidade Acadêmica: Faculdade de História

Universidade Federal de Goiás (Goiânia)

Palavras-chave: História das Ideias, *Intellectual History*, Leopoldo Zea.

1. Introdução:

Entre as décadas de 1940 e 1950, um grupo de intelectuais latino-americanos e caribenhos, constituído principalmente por filósofos, começou a refletir sobre a história e as características do pensamento latino-americano no período pós-independência, fundando uma corrente particular de História das Ideias na América Latina, com pressupostos teóricos, metodológicos, filosóficos e epistemológicos relativamente bem definidos.

Uma das principais referências desse grupo foi o filósofo mexicano Leopoldo Zea Aguilar (1912-2004), “se bem que seria exagerado afirmar que Zea ‘inventou’ a história das ideias na América Latina, foi quem fixou as pautas fundamentais que lhe permitiram em seu momento instituí-la como disciplina particular – e que apenas modificadas, subsistem ainda hoje” (PALTÍ, 2003, p. 234)¹. O modelo de Zea alcançou projeção continental, orientando diversos estudos por toda América Latina e angariando inúmeras críticas.

Essas críticas eram dirigidas tanto ao campo específico de História das Ideias quanto à noção de filosofia que sustentava as pesquisas historiográficas nesse campo. Na década de 1970, entre os críticos estavam Charles Adam Hale (1930-2008) e William Dirk Raat (1939-), representantes da *Intellectual History* estadunidense. Estes propunham um método empirista, objetivista, externalista e cientificista de tratamento das ideias, em oposição ao método subjetivista e internalista utilizado por Zea.

2. Objetivos:

O principal objetivo dessa pesquisa foi investigar os pressupostos teóricos, epistemológicos, filosóficos e metodológicos dessa polêmica intelectual acerca da filosofia e historiografia da corrente latino-americana de História das Ideias.

3. Metodologia:

A História das Ideias é uma dentre as disciplinas historiográficas, de acordo com FALCON (1997, p. 92), que tem como objeto – nem sempre exclusivo – as ideias. Mesmo este objeto comum é problematizável, visto que as diferenças terminológicas e conceituais de

¹ Os trechos em espanhol e inglês foram traduzidos pela autora do presente texto.

diversas correntes historiográficas demonstram a possibilidade de mais de uma forma de compreender e trabalhar as “ideias”. Dessa forma, este trabalho pode ser inserido no campo da História Intelectual, por abranger o conjunto das formas de pensamento, estudando de forma privilegiada, apesar de que não exclusivista, os textos produzidos por alguns intelectuais – Zea, Hale e Raat –, o que poderia se aproximar de uma História dos Intelectuais, mas relacionando-os aos seus contextos de produção.

Considerando essas diferenças conceituais, é mister classificar essa pesquisa. Ela se aproximou mais de algo situado, de acordo com a tipologia de DARNTON (2010, p. 219), entre uma História Social das Ideias – “o estudo das ideologias e da difusão das ideias” – e a História Intelectual propriamente dita – “o estudo do pensamento informal, os climas de opinião e os movimentos literários”.

Pela distinção terminológica de KRIEGER (1980, p. 110-111), este trabalho se aproximou mais de uma História Intelectual – que nega a existência real das ideias fora de sua historicidade –, do que de uma História das Ideias – onde as ideias são consideradas como autônomas e independentes em relação às demais instâncias da realidade histórica.

4. Resultados:

Leopoldo Zea, na década de 1940, começou seus estudos no campo da História das Ideias. Ele partiu – assim como outros – de uma necessidade de autorreflexão da América. “Em nossos dias e em decorrência dessa crise cultural, os diversos países americanos têm sentido a necessidade de buscar em sua história, em suas tradições, os elementos para realizar uma cultura que lhes seja própria.” (ZEA, 1943, p. 9). Nesse sentido, começou a desenvolver diversos estudos sobre as correntes e movimentos filosóficos de influência na América. Os temas desses trabalhos carregavam um problema de filosofia – e de história –, que é a reação das ideias com as realidades em que surgem.

Para Ortega, a ideia – que não é portadora de um conteúdo ou de um sentido em si mesma – é uma ação que o indivíduo realiza, em uma determinada circunstância e com uma finalidade precisa, de maneira tal que essa circunstância e essa finalidade são imprescindíveis para a compreensão dessa ideia. (CARVALHO, 2009, p. 29)

Zea se utilizou da filosofia circunstancialista – já explicitada – do espanhol Ortega y Gasset para justificar a legitimidade de se estudar o positivismo no México – primeiro tema

que ele estudou. De acordo com tal perspectiva, só existiriam ideias circunstanciais, pois as ideias são reações humanas às suas circunstâncias, não podendo, pois, serem eternas. As fórmulas filosóficas, os métodos, as filosofias não são mais do que expressões verbais de como o homem se relaciona com suas circunstâncias. Assim sendo, a ideia é uma ação humana realizada devido a uma circunstância e com uma finalidade precisa, logo, para compreender o sentido da filosofia é preciso tomá-la em seu sentido circunstancial, histórico.

A primeira questão a ser colocada foi a da filosofia de caráter universal em contraposição com a filosofia de caráter particular. Aceitando a ideia de uma filosofia atemporal, a-espacial, a-circunstancial e a-histórica, defende-se uma ilusão, visto ser impossível ignorar a particularidade.

A legitimidade de se estudar correntes autóctones decorre do fato de que, ao serem interpretadas por latino-americanos, elas ganham marcas espaço-temporais desses pensadores e podem, então, ser aplicadas funcionalmente nessas novas circunstâncias. Desse modo, para Zea e seus colegas, o estudo de ideias filosóficas só teria sentido quando essas ideias não fossem abstratas, mas ideias que deixassem sua universalidade para serem aplicadas de fato a um contexto espaço-temporal, isto é, a um contexto histórico. Esse método de interpretação histórica da filosofia, ao invés de tomar as ideias por si, liga-as às expressões culturais em que surgiram. Importa mais o porquê desses filosofemas do que os filosofemas em si. “Este método de interpretação da filosofia é o histórico.” (ZEA, 1943, p. 22).

A maioria dos trabalhos dos latino-americanos e caribenhos concentraram-se no período pós-independências, o que Zea justificou dizendo que esse é um momento de emancipação política e mental da América, que cria a necessidade de conscientização histórica da América Latina para que sua posição marginalizada seja superada. Isso porque a América é produto do que lhe é estranho, do que lhe foi imposto pela sua condição colonial, e porque ao se libertarem do domínio estrangeiro se ligam não à dialética negação hegeliana de assimilação do passado, mas à negação formal, que apenas se renega o que se é (ZEA, 1976, p. 20-21). Assim, as Américas se projetam no futuro, visto ignorar o passado, o que Edmundo O’GORMAM sintetizou com “ser como os outros para ser a si mesmo” (apud ZEA, 1976, p. 28).

Mas, considerando que o homem não é estável, é compreensível que suas ideias mudem ao longo do tempo. Dessa forma, as ações a que as ideias mudadas levam são diferentes das primeiramente formuladas. Mesmo que essas ideias se mantenham sobre um

mesmo nome, suas acepções conceituais e interpretações mudaram. Dentro disso, há de se perceber que diversos conceitos mudaram de sentido ao longo da história. Visto que cada sociedade, ao empregar o conceito, atribuiu-lhe o sentido que seu interesse indica como mais interessante naquele contexto. O método de Zea compreende os significados dos conceitos, inserindo-os em suas circunstâncias, e a análise de quem se servia deles.

Raat discordou do método de Zea. Para ele, a influência de Karl Mannheim e de Samuel Ramos em Zea foi negativa. O historicismo de Mannheim tinha uma natureza das ideias relativizadas, o que teria possibilitado a Zea pensar as ideias filosóficas como ideologias e associá-las a grupos sociais. “Quer dizer que a ideologia era uma construção mental relativa destinada a relacionar e satisfazer as necessidades das circunstâncias sociais. [...] Isso significa para Zea que o positivismo não era nada mais do que uma justificativa ideológica para a classe média.” (RAAT, 1968, p. 180). Samuel Ramos dizia, por meio de sua psicanálise do mexicano, que este sofria um complexo de inferioridade que só seria superado quando, pela auto-análise, ele se aceitasse como mexicano e não se visse mais como uma imitação fracassada da cultura anglo-saxã. Raat entende que Zea, em seus estudos do mexicano e latino-americano, tentou resolver esse problema que Ramos apontava.

HALE acredita (1970, p. 288) que Zea – tal como vários outros autores – possuía características do nacionalismo contemporâneo, em que há o intento de compreender como as sociedades latino-americanas se modernizaram, sem sacrificarem suas identidades culturais. Uma das principais intenções de Zea, em seus primeiros trabalhos, de acordo com Hale, era a busca de *lo mexicano*, “a busca do característico e essencial da cultura mexicana, tratando de encontrar suas diferenças e propriedades dentro do ‘Ocidente’ ou cultura europeu-ocidental, particularmente com respeito aos Estados Unidos” (HALE, 1970, p. 288), mas que logo se estendeu, como uma preocupação em torno do latino-americano em geral.

Esse compromisso que Zea possuía para com a nacionalidade, com a busca da identidade própria de uma nação, chegou ao ponto em que HALE (1970, p. 302) afirmou – e Raat concordou – que o estrangeiro estaria melhor capacitado para empreender o estudo dessa história, pois poderia fazer um estudo crítico e comparativo, sem ser dominado por sentimentos patrióticos. “Os norte-americanos consideram que os pressupostos de que partem os autores mexicanos são completamente distintos dos que deve tomar um historiador no sentido estrito da palavra.” (HALE, 1970, p. 286).

Para Raat, ao se comprometer com essa posição filosófica, Zea trabalhou mais com especulação do que com a história em seu sentido empírico. “Sua orientação era o futuro.” (RAAT, 1968, p. 187). Visto que Zea considerava que o historiador tem que encabeçar uma tarefa que era urgente na realidade americana, que era a de guia da tomada de consciência da *nuestra América*, HALE se perguntou “se o historiador se torna totalmente comprometido com o passado ou se seu principal objetivo se encontra no futuro, não tenderá naturalmente a confundir, mais do que esclarecer, a situação histórica que estuda?” (1970, p. 300)

Raat pensava que as aproximações com a história do pensamento, caracterizada por aproximações filosóficas ou literárias, devem ser consideradas Filosofia das Ideias e não História Intelectual propriamente dita. Acrescentou que a documentação principal estava baseada em fontes literárias, filosóficas ou secundárias em sua maioria, e que Zea nem sempre soube selecionar essas fontes.

Zea não fez nenhum intento, nem através de investigação pessoal, nem por referencia a outros estudos sociológicos, para demonstrar seus pressupostos fundamentais – que a ideologia, especialmente o positivismo, estava correlacionada em suas expressões a grupos específicos e como tal servia às necessidades especiais destes grupos. (RAAT, 1968, p. 182)

Ele acredita que a aproximação de uma ideia com um grupo social precisa ser feita através de um esquema histórico e sociológico, e não através de modelos conceituais, estruturais ou funcionais, que não são mais do que ajudas investigativas. Em sua análise, Raat diz que Zea igualou o positivismo às ideias e atividades hoje chamadas de *cientismo*, e assumiu que os que aceitavam ou admitiam aquele método estavam inspirados por Comte, sem diferenciar o positivismo deste do de Mill e de Spencer.

Há aí uma questão conceitual em Zea, sobre a qual Hale afirmou “primeiro, nós precisamos definir os termos políticos, principalmente aqueles maleáveis e de categorias universais” (1973, p. 59). Hale acredita que a única forma de prevenir as confusões terminológicas dos conceitos é fazendo uma rigorosa análise interna das ideias políticas. Para Raat, as terminologias, conceitos, palavras e expressões devem ser escolhidas com o máximo rigor.

A linguagem precisa, importante para todas as disciplinas históricas, é especialmente crítica na história intelectual. Muitas vezes encontramos terminologias confusas como “a mentalidade mexicana” ou “o espírito do tempo”. Zea nem sempre escolhe sua terminologia cuidadosamente. (RAAT, 1968, p. 184)

Raat preocupou-se em separar a análise interna da análise externa no estudo das ideias. “A análise interna estuda, geralmente, as ideias fora do problema de sua origem social. Por outro lado, a análise externa, se refere à relação das ideias com os acontecimentos e não com elas mesmas.” (RAAT, 1970, p 115). Ambas são importantes, e o melhor seria estudá-las em conjunto. Mas caso apenas a primeira seja feita “a investigação histórica pode converter-se em um processo subjetivo que não se distingue da filosofia, literatura, artes e letras.” (RAAT, 1970, p.117) O perigo da análise interna é de que se converta a História Intelectual em História de Intelectuais. Ou de que as especulações sobre a realidade superior, que não se subordina ao papel das ideias na história, transforme a questão em meta-história e o historiador em teórico e filósofo da história. Raat diz que Zea realiza não História das Ideias, mas filosofia. “Nem sempre é fácil determinar se Zea escreve história ou filosofia.” (RAAT, 1970, p. 185) “A meditação de Zea sobre a história se encontra além da análise histórica comum. Se trata de meta-história e não de história intelectual.” (RAAT, 1970, p. 183)

“Zea considera a História das Ideias em estreita relação com a História da Filosofia” (HALE, 1970, p. 298), isto é, os filosofemas estariam historicamente condicionados e suas verdades e princípios não teriam – nunca – um alcance universal e eterno. O resultado disso seria que as histórias possuiriam filosofias que lhes regem e essa historicidade da filosofia subjugaria o historiador e/ou filósofo ao passado em que se encontra seu objeto. Desse ponto de vista, Zea – e outros – renunciaram a objetividade e cientificidade, para que seus trabalhos não perdessem seu significado próprio, não fizessem do passado uma coisa morta. (HALE, 1970, p. 299) Essa renúncia de Zea à objetividade como historiador o levou a se identificar com os protagonistas da história que escreveu, visto que se fez confuso ao expressar se está citando, parafrazeando ou interpretando os pensadores da história que escreveu. (HALE, 1970, p. 301). Hale chega a ter “dificuldade de identificar na obra do mexicano uma atividade propriamente historiográfica” (CARVALHO, 2009, p. 77), o que se expressa na seguinte passagem de Hale (1970, p. 301): “o que é pouco satisfatório no trabalho de Zea como obra historiográfica é a impossibilidade de separar o filósofo do historiador. Não é possível advertir quando assume interpretação própria dos fatos e quando os apresenta como tais.”

Como em muitos escritores, a história das ideias de Zea foi, na realidade, uma história das ideias de alguns acadêmicos e intelectuais. A história intelectual do México resultou ser a história de uma elite reduzida que nem mesmo incluía um amplo setor do público leitor. (RAAT, 1970, p 185)

Disse Raat que a "escola de Gaos-Zea" criou um afastamento do externo e uma aproximação com o interno, se aproximando mais do subjetivo, particular e da história como

arte romântica ou como filosófica. Isso porque não separam a história das preocupações presentes e futuras.

Em 1978, Zea respondeu às críticas de Hale e Raat na primeira parte da introdução de *Filosofía de la historia americana*: “Daqui não se quer chamar a esta história de história da filosofia, senão de história do pensamento. Já que se considera filosófico o supostamente original e não, simplesmente, o que parece ser só uma cópia ou adaptação de filosofias estranhas.” (ZEA, 1978, p. 16)

Zea disse que a *Intellectual History* estadunidense possuía, tão bem quanto a História das Ideias criticada, momentos em que o historiador se transmutava em filósofo da história. Mas nos Estados Unidos há um caráter abstrato, visto que lá é mais importante o projeto que os fatos.

Esta mesma história das ideias, com sua peculiar interpretação filosófica tem sido vista, também, por quem nos Estados Unidos fazem o que se chama história intelectual, como filosofia da história. Mas, considerando que essa filosofia tem um caráter abstrato, uma filosofia da história, nos dizem, que por o ser, não se atenta aos fatos, somente busca neles a justificativa de um determinado projeto. Projeto, que por o ser, não se refere ao que se é, mas ao que se pode ou deve ser. (ZEA, 1978, p. 21-22)

Para Zea, ao não se saber quando o historiador ou o filósofo fala, a realidade histórica é subjetivada, e posta a serviço dos projetos do sujeito que se utiliza dela. Assim, essa filosofia tende a transcender os fatos, a realidade; ir além dela, transformando-a. (ZEA, 1978, p. 22)

A História das Ideias na América Latina não era factualista ou positivista. Ela se preocupava com os fatos, mas mais do que com os fatos, se preocupava com os sentidos dos fatos, não fazendo deles um instrumento de manipulação subjetiva para determinado projeto. Era o que Raat não concordava que fosse feito sob o título de História das Ideias.

Esse é, precisamente, tanto para Raat como para Hale, o problema planta a suposta historia das ideias que vem realizando alguns latino-americanos. A qual não é nem história das ideias, na história intelectual e não o sendo, são especulações subjetivas, encaminhadas, não tanto a conhecer a realidade histórica e intelectual da América, como para justificar ações para a realização de determinado projeto. (ZEA, 1978, p. 23-24)

Zea rechaçou a ideia de que os latino-americanos, ao não se aterem aos fatos, distanciam-se do externo, objetivo, universal, científico; e se aproximam do interno, subjetivo

e particular, ao dizer que não se tratava de uma nova incongruência para o objetivo-subjetivo, que essa nem mesmo era a questão.

O sujeito não nega sua realidade, pelo contrário, empenha-se em conhecê-la; mas conhecê-la para fazer dela um instrumento. Trata de conhecer os fatos, mas não se atém a eles já que será, a partir deste seu conhecimento, que se proporá a transformá-los. O sujeito, pura e simplesmente, busca fazer seu o objeto, incorporando-o e não, uma vez mais, aludindo-o. (ZEA, 1978, p. 24)

Quanto à questão disso ser História das Ideias, História Intelectual ou Filosofia da História, Zea disse que poderia ser esta última, desde que a partir de um conhecimento da história e de seu sentido na América Latina. A História das Ideias produzida na América se pautava pela linha de que toda história é uma história contemporânea, visto que o que se diz do passado é feito em função do que se é e do que se pode chegar a ser – o que alguns veem como uma violação dos princípios temporais, e que levaria ao passado os preconceitos do presente.

Zea disse ainda que o que fazia podia ser chamado de meta-história caso o entendamos como a superação de uma história que não pode continuar sendo, visto derivar-se de projetos distantes dos povos americanos. E pode ser subjetiva, visto ser resultado de um projeto que não conta com a vontade dos que foram transformados em agentes passivos.

De acordo com Zea, a posição defendida por Hale e Raat, de que o historiador estrangeiro estaria mais apto que o nacional a escrever a história, seria um projeto tão ambicioso e subjetivo quanto o que eles criticavam, sendo, também, meta-história, visto que permitiria a toda a humanidade se conhecer por meio dessa análise desinteressada.

Para Zea, toda Filosofia da História implica em um projeto, algo que transcende o conhecimento dos fatos históricos e o sentido deste conhecimento. Esse projeto não implica em não se ater aos fatos, mas também não implica ignorá-los, o que foi um erro cometido algumas vezes na História das Ideias latino-americanas; o projeto agora precisa superar essa interpretação e os fatos que o originou, avançando para além deles. (ZEA, 1978, p. 25). “Ater-se simplesmente aos fatos seria somente aceitá-los. Conhecê-los, para mudá-los é, pelo contrário, a preocupação central desta filosofia da história.” (ZEA, 1978, p. 25).

Deste ponto de vista, a filosofia da história latino-americana vem a ser expressão da filosofia da história universal em que se entrecruzam diversos projetos. Tanto os projetos dos povos colonizadores, como dos que sofreram ou sofrem essa dominação. Projetos diversos, mas entrelaçados, concorrendo a metas que resultam ser semelhantes e, por isso, conflitivas. Os projetos próprios dos homens e povos dessa nossa América, em iniludível relação

dialética, de estímulo e resposta, com os do chamado mundo ocidental. (ZEA, 1978, p. 25-26)

5. Discussões:

A polêmica epistemológica acima apresentada, entre a História das Ideias Latino-Americanas e a *Intellectual History* estadunidense, possui como problemática central um problema de concepção de filosofia e de metodologia para estudar essa filosofia, quando da circunstancialização da mesma.

A filosofia pode ser empregada por sociedades distintas das que a criaram, quando são reinterpretadas por essas outras sociedades e aplicadas de forma circunstancializada, isso é, atendo-se aos pressupostos inerentes àquela sociedade em seu espaço e tempo. Dessa forma, podemos estudar as filosofias autóctones. Mas temos que compreender os conceitos de responsabilidade dessa filosofia, inserindo-a em suas circunstâncias e analisando à serviço de quem fora utilizada. Assim, a escolha das terminologias, conceitos, palavras e expressões deve ser feita cuidadosamente, para não cair em imprecisões no momento de analisar as questões postas.

Aceitando essa posição da filosofia e sabendo a maneira de tratá-la no momento da escrita, passamos a discussão sobre o momento de interpretação. Dois pontos são de fundamental importância. O primeiro seria a questão do par objetivo-subjetivo. Ao mesmo tempo em que se tem de ater o mais possível ao objetivo, visto tratar a História de uma disciplina de caráter científico, ela é impossível de desprender-se totalmente de seu aspecto subjetivo. O que não deve ocorrer é a transformação da História apenas em *historia est magistra vitae*, que lhe impõe a criação de um projeto de perspectivas para o futuro, nem em uma defesa da nação, momentos em que a atividade historiográfica subjetiviza-se a ponto de quase perder seu caráter historiográfico.

O outro ponto refere-se às perspectivas de análise interna e externa. A análise interna está mais disposta a compreender as ideias em seus contextos de formulação e significância, enquanto que a análise externa está mais propensa a procurar as relações das ideias com as sociedades em que essas ideias surgiram ou foram adotadas, a fim de compreender as ações a que essas ideias respondem. Nesse sentido, ambas as análises devem estar presentes na

História das Ideias e na História Intelectual. De outra forma, a primeira tenderia à História da Filosofia e a segunda à Sociologia.

Por último, há de se elucidar a problemática da documentação. Fontes literárias, filosóficas e secundárias não representam um problema de fonte: trata-se apenas de uma escolha para estudo. Há tanta legitimidade em estudar um documento oficial quanto em estudar uma obra literária, o que varia são as intenções que se tem com cada documento. Desmerecer um tipo de documento por ele ser de natureza literária, filosófica ou mesmo secundária é uma atitude positivista, já posta em descrédito. Assim como os modelos conceituais, estruturais e funcionais de explicações não devem merecer descrédito, mesmo quando não seguidos de esquemas históricos e sociológicos.

6. Conclusões:

O presente trabalho ampliou nosso conhecimento sobre um dos mais importantes debates referentes às perspectivas teórico-metodológicas aplicadas ao campo de História das Ideias na trajetória do Movimento latino-americano de História das Ideias. Com isso, esperamos ter contribuído para a nossa inserção no campo de estudos históricos da História Intelectual.

7. Considerações Finais:

Durante a vigência da bolsa, e a causa da mesma, apresentei-me como ouvinte nos seguintes congressos: IX Encontro Internacional da ANPHLAC; IX Semana de História e II Ciclo de Estudos do CEDOC; I Congresso Internacional do Curso de História da UFG/Jataí. Participei dos mini-cursos: Intelectuais na América Latina (ocorrido durante o IX Encontro Internacional da ANPHLAC); Apresentação de trabalhos acadêmicos e artigos de periódicos segundo as normas da ABNT (da Associação dos Bibliotecários de Goiás). Apresentei-me como comunicadora na IX Semana de História e II Ciclo de Estudos do CEDOC, com o trabalho “Leopoldo Zea: uma visão sobre as ideias que influenciaram na educação e política da América Latina”; no I Congresso Internacional do Curso de História da UFG/Jataí, com o trabalho “A história das ideias latino-americanas de Leopoldo Zea”; e na X Semana de

História, com o trabalho “Leopoldo Zea Aguilar e William Dirk Raat: Uma discussão metodológica acerca da História das Idéias na América Latina”.

8. Referências Bibliográficas:

CARVALHO, Eugênio Rezende de. *Pensadores da América Latina: o movimento latino-americano de história das ideias*. Goiânia: Ed. UFG, 2009.

DARNTON, Robert. *O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução*. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FALCON, Francisco. História das Ideias. In: CARDOSO, Ciro Flamarion. VAINFAS, Ronaldo. (Orgs.). *Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 91-125.

HALE, Charles Adam. As ideias políticas e sociais na América Latina, 1870-1930. In: BETHELL, Leslie (org.). *História da América Latina*. Vol. IV. São Paulo: Edusp/Fundação Alexandre de Gusmão, 2001.

HALE, Charles Adam. Sustancia y método en el pensamiento de Leopoldo Zea. *Historia Mexicana*, El Colegio de México, vol. XX, n. 2, oct-dic 1970, p. 285-304.

HALE, Charles Adam. The reconstruction of nineteenth-century politics in Spanish America: a case for the History of Ideas. *Latin America Research Review*, v. 8, 1973, p. 53-73.

KRIEGER, Leonard. The autonomy of Intellectual History. In: IGGERS, Georg G. PARKER, Harold T. (Orgs.). *International handbook of historical studies. Contemporary research and theory*. Westport, Connecticut: Greenwood Press, 1980. p. 109-125.

PALTÍ, Elías José. La historia intelectual latinoamericana y el malestar de nuestro tiempo. *Anuario IEHS*. Universidad Nacional del Centro de la Provincia de Buenos Aires, n. 18, 2003, p. 233-249.

RAAT, William Dirk. Ideas e historia de México: un ensayo sobre metodología. *Latinoamérica: Anuario Latinoamericano*. Centro de Estudios Latinoamericanos, UNAM, México, n. 3, 1970, p. 175-188.

RAAT, William Dirk. Leopoldo Zea y el positivismo, una revaluación. *Latinoamérica: Anuario Latinoamericano*. Centro de Estudios Latinoamericanos, UNAM, México, n. 2, 1968, p. 171-189.

ZEA AGUILAR, Leopoldo. *El pensamiento latinoamericano*. 3ª ed. México: Ariel/Barcelona: Esplugues de Llobregat, 1976.

ZEA AGUILAR, Leopoldo. *El positivismo en México*. México: El Colegio de México, 1943.

ZEA AGUILAR, Leopoldo. *Filosofía de la historia americana*. México: Fondo de Cultura Económica, 1978.